UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA
DISCIPLINA: ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM EDUCAÇÃO INFANTIL
PROFESSORA: MOEMA KIEHN
ACADÊMICA: ARLINE DA SILVEIRA

EDUCAÇÃO INFANTIL: POSSIBILIDADES DE ENCONTROS E ENCANTOS

"A cobra não tem pé,
A cobra não tem mão,
Como é que a cobra sobe num pezinho de limão?"
(Cantiga popular)

Com esta melodia tão doce cantada pelo grupo Maternal IIB, iniciamos nossas reflexões analisando o que foi observado no Centro de Educação Infantil Nossa Senhora da Boa Viagem Este artigo é resultado da disciplina Estágio Supervisionado em Educação Infantil I, fruto das reflexões feitas no período de observação. Observação essa, realizada no semestre 2009/2, sob a orientação da Professora Moema de Albuquerque Kiehn, no grupo Maternal IIB, que era composto de 15 crianças, 12 meninos e 3 meninas com a faixa etária de 3 anos de idade.

Durante o período de observação na creche, muitos foram os acontecimentos que presenciamos: a chuva insistente e forte que atingiu a região e impossibilitou o acesso de algumas crianças á creche devido a deslizamentos e casas atingidas, momentos de parada pedagógica na instituição que impossibilitaram a linearidade do processo vivido pelas crianças naquele período, a infrequência das crianças nos grupos, tudo isso acabou por influenciar na dinâmica das atividades e rotina das crianças na instituição e, portanto mudando aspectos observados nos grupos.

Nesta reflexão, muitas questões foram surgindo e algumas delas iremos abordar neste artigo que traz a voz das crianças, a observação e conversas da estagiária com as responsáveis pelo grupo, todo este resgate, como pequenos retalhos, é costurado pela linha de teorias acerca de criança, infância e brincar no contexto de uma instituição de Educação

The document was created with PDF/A Quick Master from soft Xpansion, www.soft-xpansion.com

Infantil. Como é viver essa infância em um espaço coletivo, sendo um ser humano de necessidades e caracteres individuais e únicos? Como respeitar o movimento e o ritmo de crescimento destas crianças que não são iguais entre si? Quais estratégias as crianças encontram para conviver neste espaço organizado na lógica dos adultos, mas apreciado e de convívio prioritariamente das crianças?

Para nossas reflexões, vamos trazer um pouco das contribuições da sociologia da infância que nos faz ver a criança em uma lógica mais horizontal e completa, buscando compreender essa especificidade presente nesta fase do desenvolvimento humano tão rica de detalhes, como nos fala PAULA (2007, p. 30):

> "De qualquer maneira, o desenvolvimento desse campo de estudos tem nos auxiliado a ir do conceito de socialização como interiorização de valores e adaptação das crianças às regras e normas de comportamentos, criadas pela geração adulta, à concepção que considera as crianças como atores sociais, ou seja, sujeitos de suas ações e imbricadas em múltiplos processos de socialização".

A COBRA NÃO TEM PÉ...

Movimento, o mundo gira, as pessoas mudam, a vida muda em um segundo aprendemos um conhecimento que nem fazíamos idéia de que existia. Ir ao encontro do outro é o ato de buscar nossa completude, nosso vir-a-ser. Neste contexto de crescimento bio-psico-social que é a creche, um lugar de encontros e trocas valiosas, deve ser privilegiado aspectos que possibilitem estas trocas em nossos planejamentos institucionais.

O planejamento dos espaços permite estas trocas entre os que na sala convivem, faz maior a possibilidade do deslocar-se, a troca de olhares mais visível, a comunicação e exercício de diversas linguagens. Qual é o espaço disponível? Como podemos enriquecê-lo para novas proposições e experiências? O espaço é ou está sendo desta forma que organizamos?

As experiências da trazidas pelo livro "Bambini: a abordagem italiana à educação Infantil" nos ajudam a refletir, com base em situações pedagógicas reais e projetos lá realizados, observando que muitas vezes o simples ato de dedicar-se a organização de um espaço planejado para possibilitar interações pode interferir no nível de exploração e conhecimento de mundo das crianças que o vivenciam diariamente. Acerca da importância da documentação e seu uso no contexto pedagógico nos fala Gandini e Goldhaber (2002, p.

The document was created with PDF/A Quick Master from soft Xpansion, www.soft-xpansion.com

150):

> "A documentação, interpretada e reinterpretada junto com outros educadores e crianças, oferece a opção de esboçar roteiros de ação que não são construídos arbitrariamente, mas que respeitam e levam em consideração todas as pessoas envolvidas".

Planejar é, antes de tudo observar. Nos dias que estivemos na instituição procuramos observar o dito o não dito pelas crianças nos momentos que partilhamos com eles, pois as diversas linguagens vão muito além da forma verbal de se expressar e essas outras linguagens, muitas vezes silenciosas e gestuais também devem constar em nosso campo de análise. Desde um olhar atento com ar de interrogação até as canções que eram cantadas no grupo, tudo era objeto nesta busca do compreender o grupo, muitos aprendizados e pistas de como as crianças viviam este momento tão importante e se apropriavam deste espaço no tempo em que ali estavam, enfim, fora objeto de nossos sentidos. Mas, uma observação desvinculada de um registro sistemático e reflexivo não cumpre seu papel essencial de rever as práticas e direcioná-las em melhores rumos, nesse sentido esboçamos aqui o esforço desta reflexão.

Refletindo sobre a questão do planejamento, suas especificidades e seu processo, lembramos de Ostetto (2008) quando nos envolve em sua fala de que:

> "A proposta de registrar a experiência vivida, descrevendo e analisando a complexa trama do cotidiano educativo, com seus fios, laços e nós, tem sido apontada e assumida como essencial para a qualificação da prática pedagógica." OSTETTO (2008, p.13)

Esse ato de planejar não seria uma maneira de qualificar a docência na especificidade própria da Educação Infantil? Geralmente, tem-se relacionado a ideia de educar, através da intervenção pedagógica, ao estabelecimento de uma rotina pautada em horas de atividade, tais como: hora de dormir, de se alimentar, de brincar no parque, da higiene e hora da atividade dita pedagógica/dirigida. Em nosso entendimento essa organização do cotidiano infantil que tem como viés o controle e a regulação do grupo, onde todos devem fazer as mesmas coisas ao mesmo tempo, revela uma dificuldade em estruturar um planejamento que tenha como pauta a diversidade do grupo e as singularidades que constituem cada menino e menina que o compõem.

Em oposição a essa prática instituída historicamente em nosso sistema de ensino,

The document was created with PDF/A Quick Master from soft Xpansion, www.soft-xpansion.com

pesquisadores e estudiosos da área[1] têm contribuído para construção de uma docência na Educação Infantil alicerçada no exercício de observação e registro da dinâmica dos grupos, seguido de um planejamento capaz, de possibilitar outras maneiras de apropriação dos conhecimentos. Tais iniciativas demonstram um esforço em direção ao desenvolvimento de uma escuta e um fazer pedagógico mais sensível, com a finalidade de qualificar a mediação das situações vividas entre as crianças e os adultos envolvidos nesse processo

O desejo por um professor mediador vinculado ao conhecimento da dinâmica do grupo, visa a transformação dos dados da realidade trazidas pelas crianças em situações significativas, as quais, buscam pela a ampliação e diversificação das experiências e conhecimentos dos mesmos. Essa tomada de decisão contrapõe-se a simplificação em meros momentos de atividades com objetivos restritos que dificultam as manifestações das linguagens expressivas.

A organização de um espaço passa pela compreensão e conhecimento do grupo que lá se encontra, e, para tal compreensão ocorrer, a documentação pedagógica dos grupos deve ser uma prática recorrente entre os professores. A documentação pedagógica é composta de diversas formas de registro das situações vivenciadas por um grupo, ela funciona como importante material composto de gravações em vídeo, áudio e registros fotográficos, além de registros diários e mensais para acompanhamento dos comportamentos de cada um dos integrantes deste grupo, seus progressos e retrocessos em uma visão processual necessária á compreensão da infância.

Para contribuir com nossas reflexões, podemos recorrer aos registros textuais de Ostetto (2001, 28) para discutir os elementos presentes no registro e suas implicações para o cotidiano educativo, ela nos diz que " Através do exercício da criação pessoal dos registros diários e da socialização dos relatórios, numa determinada instituição educativa, podemos vislumbrar as histórias de cada um e de todos."

Observar, registrar e planejar em um espaço como o de instituições destinadas a educação das crianças oportuniza a construção de um espaço e tempo como produtor de possibilidades para os que lá se encontram. Podemos considerar que pequenas mudanças no espaço pedagógico, mudanças essas que vão desde a disposição dos móveis até a articulação com outros grupos e conhecimento de outros espaços da instituição, proporcionam as possibilidades de interação com singelos movimentos de superação de elementos de uso já conhecido pelas crianças.

Quando pensamos o espaço, com base no conhecer a criança, com o olhar delicado

[1] Rocha (1999), Faria(1993) entre outros.

The document was created with PDF/A Quick Master from soft Xpansion, www.soft-xpansion.com

e atento, podemos perceber que todo espaço revela um processo de construção, onde o ambiente com seus arranjos e as crianças dialogam constantemente na busca de reformulações de significados a partir de significantes tão comuns ao mundo da cultura dos adultos. A criança que nada sabe destas convenções sociais acaba por mudá-las sem perceber, causando estranhamento e surpresa nos adultos que, muitas vezes estão atados a significados que a sociedade, bem anterior a ela, criou. Agostinho (2003) nos traz contribuições interessantes para refletir nestes jeitos e linguagens tão diversificados apresentados pelas nossas crianças:

> "Estes outros jeitos que a criança tem de se apropriar do espaço, com flexibilidade, fluidez e imaginação ajuda-nos a questionar nossas práticas utilitaristas, dando-nos a chance de pensarmos e organizarmos nossas instituições educacionais de forma a garantir que elas sejam realmente um lugar para a infância, com a ludicidade tão própria da infância." AGOSTINHO (2003,p.85)

A COBRA NÃO TEM MÃO...

O ser humano, esse complexo indivíduo que busca constantemente a sua completude, produz e se reproduz socialmente em segundos de uma existência, aprende algumas das formas de interação neste contexto social de trocas de diferentes tipos de conhecimento. No cotidiano de uma instituição de Educação Infantil não é diferente, esse conhecimento de mundo que, no caso dos adultos, muitas vezes chega somente pelos meios de comunicação, para as crianças também se dá na expansão dos sentidos, abarcando o que lhes cerca, sem limites

Diante do exposto, como estão organizados estes espaços para que crianças e adultos, crianças e crianças, adultos e adultos possam efetuar estas trocas de conhecimento necessárias? Quais os materiais, tempos e situações destinados a isso? Pensar a educação de crianças é pensar mais que atividades, é ir além e investir na formação humana de um indivíduo que inicia sua caminhada na vida e precisa conhecer este caminho que vai trilhar.

O outro, com seus valores e crenças, vivências diferentes a serem consideradas entra em cena neste palco onde o conhecimento de cada um dos personagens deve ser explorado e reconhecido para que a voz e vez de cada um seja cuidadosamente respeitada. Cuidar do outro exige conhecer este outro e compreender suas necessidades e expectativas para melhor ajudá-lo na sua trajetória.

A questão do cuidado cerca a Educação Infantil desde seus primórdios, onde houve

The document was created with PDF/A Quick Master from soft Xpansion, www.soft-xpansion.com

o surgimento de uma preocupação do cuidado corporal como elemento definidor do futuro de uma criança, preocupação essa que permanece até hoje, fazendo com que o caráter de educação nas instituições de atendimento ás crianças ainda seja associado ao cuidar e não levando-se em conta a contribuição e trabalho dos educadores no sentido de formação integral do indivíduo que passa seus dias nestas instituições, no caso das creches.

A articulação destes profissionais que contribuem nas instituições destinadas á Educação Infantil (creches) também é um ponto a ser pensado, como podemos pretender um trabalho de formação de um ser integral se hierarquizamos e especificamos de forma demasiada a expressão e participação dos integrantes formadores deste ambiente? As instituições atuais buscam esta cooperação entre os que compõe este ambiente para maior troca de saberes e experiências, mas algumas vezes essa gestão democrática se torna inviável em alguns grupos devido as forças de poder existentes em um contexto institucional tão diverso, como são os espaços educativos.

COMO É QUE A COBRA SOBE NO PEZINHO DE LIMÃO?

Muitas das práticas em Educação Infantil evidenciam a necessidade de unirmos corpo e mente ao planejar um cotidiano que contemple a formação de nossas crianças e profissionais. A mente como produtora das sínteses necessárias e o corpo como suporte necessário para, através do cuidado, compreendermos e experimentar como é viver, seu gosto e seus ingredientes únicos extraídos da experiência de cada indivíduo, sua singularidade plural.

Se as crianças conhecem o mundo que as cerca com o corpo inteiro e a mente aberta, experiências que possam limitar-lhe os movimentos e exploração do espaço funcionariam como elemento dificultador, uma verdadeira barreira no processo de construção de conhecimentos destas crianças. Salas cheias de brinquedos coloridos, diferentes texturas, o frio e dureza plana do chão em contraste com o tapete quente e macio, todos estes elementos e outras que possam surgir contribuem para as associações que a criança pode fazer no conhecimento do espaço apenas se, esta criança, puder manipulá-los estando ao alcance das mesmas para possibilitar o encontro lúdico com o conhecimento. Caso contrário, estes elementos podem servir de belos adornos de uma sala sem fim útil ao desenvolvimento e compreensão do mundo pelas crianças.

Compreendemos que a criança, assim como os adultos possuem um desejo infinito de conhecer, interagir, criar. Entretanto, as condições que lhes são oferecidas diariamente nas creches e pré-escolas que desenvolvem um prática pedagógica de cunho adultocêntrico

The document was created with PDF/A Quick Master from soft Xpansion, www.soft-xpansion.com

e regulador acabam por incentivar as crianças a tomarem medidas definidas como transgressão, ou seja, elas criam estratégias individuais ou entre pares para burlar as normas e rigidez estabelecidas nestes espaços. Para Paula (2007, p. 40):

> "Não será demais admitir que as crianças, talvez, possam chacoalhar os padrões instituídos através de sua irreverência, sua imprevisibilidade, sua criatividade, sua desordem, ou sua **transgressão;** revelando coisas diferentes do habitual. Na realidade esses comportamentos podem representar que as crianças ainda não foram totalmente constrangidas pelo controle dos adultos e pelas ordens instituídas na sociedade e podem, portanto, ajudar-nos no processo de constituição do novo. É uma aposta, sem dúvida, mas tão importante que não pode deixar de ser investigada em diversas frentes e de diferentes modos".

No decorrer das observações, várias situações de interação "silenciosa" foram registradas no grupo e são interessantes de serem analisadas em nossa reflexão. Nos momentos de sono ou da roda, momentos em que estavam sentados ou deitadas em colchões, as crianças buscavam brincar com o colega ao lado, cutucando com a perna ou encostando a ponta dos pés no cobertor do colega na busca de um olhar ou qualquer outro sinal de reconhecimento do outro para iniciar um momento de transgressão da regra imposta de dormir naquele período.

Podemos acompanhar estes momentos no seguinte registro feito no dia 30.10, onde esses pequenos gestos puderam ser observados nos breves momentos em que estivemos na creche no período do início da tarde, na chamada "hora do soninho" :

> "Muitas crianças já haviam acordado, mas por questão de organização a professora as mantinha quietinhas no colchão para não despertarem os outros. Em resposta a isto, elas mexiam no cabelo dos colegas já acordados e interagiam com o ambiente, sem se saírem do lugar, mas em atividade.(Trecho do registro de observação de 30.10.2009)"

Esse episódio observado nas crianças nos lembra dos elementos de transgressão que compõe força de resistência das crianças neste espaço da creche, resistência que se manifesta em pequenos gestos do cotidiano, de forma sutil, porém, reveladora em diversas faces... para dialogar conosco neste tema trago a fala de PAULA (2007,p.63):

The document was created with PDF/A Quick Master from soft Xpansion, www.soft-xpansion.com

> "Porém, mesmo sendo confrontados interesses, e mesmo a voz do adulto tendo maior dominação, não há ausência de estratégias, ou como estou chamando, de **transgressões de resistência,** as quais entendo como sendo aquelas ações das crianças que advêm da construção de novos sistemas de valores partilhados entre os pares, de regras e estratégias criadas por elas para alcançar seus interesses, por isso não são naturais ou intrínsecas às suas constituições, mas deliberadas por elas intencionalmente. Isso leva as crianças a prolongarem seus intentos, seus interesses, principalmente quando existe cumplicidade entre elas, somando forças."

Em alguns momentos ainda lembramo-nos das cantigas cantadas com a voz e olhares compartilhados no grupo, entre risinhos e olhares se via a cumplicidade existente no grupo e o quanto eles acabavam por coordenar a maior parte das ações das educadoras através de sutis estratégias para subir neste pezinho de limão e alcançar o topo dele para ver além das paredes da sala. Momentos de aparente falta de movimentação física, mas que a mente viajava, viajava para passagens do ontem e do amanhã, aonde era projetada sua imaginação, ás vezes trazendo relatos como o de Andrés que dizia que o pai tinha lhe dado minhoquinhas para comer (balas de goma). Esse relato trouxe espanto ás educadoras pelo fato de desconhecerem as tais minhoquinhas de bala de goma e acharem que Andrés comia minhocas em casa, coisa que foi esclarecida depois de um tempo de conversa.

As crianças pareciam, no momento do parque, distantes ou esquecidas da questão do controle exercido pelos adultos na vida dos mesmos, como se o parque fosse um território próprio deles, seu lugar de pertencimento naquela creche. Bem que esta sensação vivenciada no parque poderia fazer parte de outros momentos do dia deles para que a instituição trouxesse em si o cuidado e o gosto por descobrir um mundo novo, sendo um espaço acolhedor para todas as crianças que lá chegassem. Enquanto isso, as crianças estão lá, criando diversas estratégias novas para burlar essa rigidez encontrada nas instituições e se movimentando, seja física ou imaginariamente para transformar o ambiente em que se encontram no limite de suas possibilidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AGOSTINHO, Kátia Adair. UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA Programa de Pós-Graduação em Educação. **O espaço da creche:** que lugar é este?. Florianópolis, 2003. 164 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação.

GANDINI, Lella; EDWARDS, Carolyn P. **Bambini:** a abordagem italiana à educação infantil. Porto Alegre: ARTMED, 2002. 263p. (Biblioteca ARTMED; educação infantil) ISBN 8573078944

The document was created with PDF/A Quick Master from soft Xpansion, www.soft-xpansion.com

OLIVEIRA, Alessandra Mara Rotta de; CERISARA, Ana Beatriz. UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA Centro de Ciências da Educação. **Do outro lado:** a infância sob o olhar de crianças no interior da creche. Florianópolis, 2001. 177 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação.

OSTETTO, Luciana Esmeralda; OLIVEIRA, Eloisa Raquel.; MESSINA, Virginia da Silva. **Deixando marcas_:** a prática do registro do cotidiano da educação infantil. Florianópolis, SC: Cidade Futura, 2001. 110p ISBN 8587757148

OSTETTO, Luciana Esmeralda . **Educação infantil:** saberes e fazeres da formação de professores. Campinas: Papirus, 2008. 144p. (Agere) ISBN 9788530808761

PAULA, Elaine de. UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA Programa de Pós-Graduação em Educação. **Deu, já brincamos demais! As vozes das crianças diante da lógica dos adultos na creche:** transgressão ou disciplina?. Florianópolis, 2007. 1 v. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação.

Registros de Observação do grupo

The document was created with PDF/A Quick Master from soft Xpansion, www.soft-xpansion.com